



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE MARÇO
DE 1954

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.007
ANO XLVIII

O ARGUMENTO E PLANIFICAÇÃO DO NOVO FILME DE CHARLIE CHAPLIN



PROCEDENTES de Genebra onde fixaram residência, chegaram na dias a Londres o famoso comediante Charlie Chaplin e sua mulher. Segundo um importante rotativo britânico, o objectivo da viagem prende-se com os preparativos de rodagem de um novo filme intitulado «O senhor X». O argumento já se encontra concluído, assim como a respectiva planificação, na qual interveio, como assistente técnico, Jerry Epstein, que foi seu colaborador em «Luzes da Ribalta».

Charlie Chaplin guarda absoluto segredo sobre a data do começo das filmagens, assim como não revelou, ainda, os nomes dos restantes intérpretes. Há uma intensa curiosidade em saber qual será a vedeta escolhida para o papel de protagonista. Apenas se sabe que a acção do filme decorre em Inglaterra e que os interiores serão rodados num estúdio da capital britânica



RICHARD WIDMARK e Jean Peters, numa cena do notável filme «Pick Up On The South Street», que tem merecido as mais calorosas referências da Imprensa do outro lado do Atlântico. Não só pelo assunto, urdido sobre a história de um carteirista que assalta uma provocante rapariga, mas, também, pela esplêndida realização de Samuel Fuller e, sobretudo, pelo magnífico desempenho daqueles dois artistas, a acção atinge um nível de poderoso interesse, com o desenrolar de um conflito entre gente sem escrúpulos e sem lei, que tem por «clima» os «bas fonds» de uma grande cidade



VIOLETA E BRANCO

PARA a próxima Primavera, o famoso costureiro Fontana, de Roma sugere esta vaporosa combinação de «slacks» com blusa, os primeiros em veludo violeta com bolinhas brancas na cintura, e a segunda em seda branca, sem mangas. Fontana aconselha o uso deste traje em estâncias termais ou de turismo. Para a cidade, ele tem outras novidades, igualmente tentadoras e originais.

DOCUMENTÁRIO

O realizador Edward Dmytryk acaba de concluir «Three Lives». Trata-se de um documentário, que demora 25 minutos a projectar-se e no qual intervêm Jane Wyman, Rondonph Scott, Charlton Heston e Arthur Franz.

CLAIRE BLOOM

A MAIS MISTERIOSA ESTRELA DE CINEMA

NO «Old Vic Theater», entre dois actos de «Tudo está bem quando acaba bem». Abre-se a porta da sala de vestir n.º 2. Claire aparece. Inclina-se com graça. Dirige-se para nós sorridente, ligeira, como uma rapariguita fresca e meiga que vai tomar parte num jogo infantil. Dali a momentos, canta com alegria vibrante uma melodia de Purcell.

sem preocupações, sem «rouge» e sem pó de arroz. E não era uma atitude. Mora em Chelsea, numa casa que parece arrancada a um livro de estampas, pequena de dois andares. O seu quarto é uma

★ Continua na pag. 6 ★

— Claire está fatigada — diz a mãe desculpando-a.

Estas palavras não explicam tudo. A jovem deita café nas chávenas — e tem visivelmente medo de o entornar. Adopta a mesma atitude perante a realidade prosaica. Respira melhor nos jardins encantados da arte e da fantasia musical. Os jornalistas e as suas perguntas impertinentes magoam-na; como é possível colocar em paralelo a realidade superior da arte e a sua vida privada, as suas brincadeiras, os seus hábitos pessoais?...

Aos 10 anos, Claire lia Shakespeare e declamava Poe: «Tudo o que os nossos sentidos apreendem não é senão um sonho sonhado...».

É fácil, claro, conseguir que ela diga que frequentou a Guildhall-School of Music and Drama», que Eileen Thorndike lhe ensinou a arte da cena, que seguiu os cursos da «Kensington Dramatic School» (de onde saiu também Lawrence Olivier) e que teve lições de dança clássica e de canto. Confirma que aos 15 anos desempenhou o seu primeiro papel na B. B. C.

Passa no seu sorriso uma expressão de indizível inocência: «Esse papel era o de uma boneca»

Desejaria esquecer o seu primeiro filme, «The Blind Goddess» mas conserva boa recordação da «Lady's not for burning», de Christopher Fry e da adaptação de uma peça de Anouilh — «Rivoung the moon», onde teve, durante dezoito meses, um papel de segundo plano. A sua ascensão começou ali.

Claire explica-nos porque prefere a cena à tela:

— Actua-se ali como uma parte num todo mas este todo não é perceptível no cinema. O nosso próprio papel parece-nos estranho na primeira projecção. Uma excepção: Chaplin.

Tudo isto são folhas caídas do calendário e curtas informações prontas a distribuir ao primeiro pedido — como os programas impressos. Nada de anedotas vividas, íntimas. Para quê? As melhores não passam de evasivas...

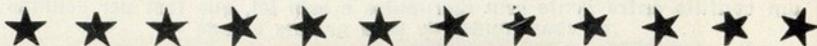
A pura verdade

Muitos observadores se enganarão aqui. Claire é inimiga de vaidades e nada cabotina. Não é actriz na cidade.

Um dia, recebeu-nos em casa



Claire Bloom na intimidade do seu lar



ARTISTAS NOSSOS CONHECIDOS



Amália Rodrigues



Maria de Lourdes Resende



José António



Julia Barroso



Consuelo Ullano



Julieta Fernandes



Cdyr Odillon



Max



José Galvão

LUCIANA instalou-se comodamente no assento de trás, da «lambretta», mas de lado, à amazona, como ele aconselhara, «para poder saltar mais facilmente».

Marcial estava surpreendido por que ela aceitara passar esse fim de semana com ele. Até aí, ela mostrara-se sempre indiferente aos seus requestos. «Tu agradas-me, Luciana» — tinha-lhe ele dito um dia à saída do armazem. Ela não lhe respondera e sempre que ele lhe propunha um passeio de moto, Luciana recusara sempre. Depois, súbitamente, na última sexta-feira ele ouvira, surpreendido, a sua resposta:

— Depois de tudo, Marcial, se ainda desejas, irei, contigo, no domingo, às Haudéres.

— Admirável! Virei buscar-te no sábado à tarde. Verás! É um canto do Paraíso! E iremos a Mottau...».

— A Mottau! — exclamara ela, com entusiasmo. Estranha rapariga! Nunca se sabia quando estava contente ou triste.

«Hei-de conhecê-la um dia» — pensava ele.

Nesse momento, a moto deu um salto.

— Como as estradas estão! — disse ela.

Para a distrair, porém, Marcial gritou-lhe:

— Canta qualquer coisa alegre!

— Não sei nada alegre.

— Então, cala-te! — Ele não podia suportar a ironia acerba ou dolorosa das suas palavras e das suas canções.

Em Sion, fê-la descer na «Cruz Federal» e ofereceu-lhe qualquer coisa para a animar. Mas de tal maneira regada, que Luciana, depois de tomar novamente lugar na moto, sentiu um torpor estranho apossar-se dela.

Foi em vão que ela lutou para resistir a essa tontura: «Mas para que o segui eu?! — pensou — se não fosse o despeito, por Bernardo me ter abandonado... Ninguém sabe ainda coisa alguma... Ele quer dinheiro e um relógio... Coisas, enfim, que eu não lhe posso dar. Mas eu não posso esquecer. «Luciana, nós poderemos vê-los, mesmo depois de eu ter casado». Oh! Isto é horrível! Oh! Nunca! Nunca! Foi isto que me fez aceitar o convite de Marcial!».

Para poder conservar os olhos bem abertos, fitou as largas costas de Marcial que ia na sua frente, a sua nuca avermelhada, os seus cabelos espessos, que não tinham para ela nenhum atractivo. Se ainda fosse Bernardo...

Mas a sua cabeça parecia andar às voltas e as suas pálpebras queriam fechar-se. Com um último esforço, ela tentou fazer parar o seu companheiro, na sua correria louca. A sua voz foi afogada pelo ruído do escape que fracassou o ar, quando a «lambretta» transpôs as curvas da

montanha. Então, inclinou-se para ele e gritou-lhe ao ouvido:

— Ouve, Marcial. Não sei o que tenho. Um torpor...

Ele teve um sobressalto. «Marcial. Tenho-te amor!» foi o que ele percebeu no meio dos ruídos da estrada, da torrente, dos claxons e do rolar dos carros que transportavam os viajantes para o encantado fim-de-semana.

«Mas isto é inaudito! Nunca se sabe quando é que estas raparigas falam verdade! «Este pensamento levou-o instintivamente a carregar no acelerador. Pareceu-lhe ouvir ainda as suas últimas palavras: «Marcial Tenho-te amor!».

A última volta! Por entre o arvoredo, ele distinguu o telhado brilhante de um chalet e umas vacas que pastavam placidamente numa campina. Depois, um grito!

Luciana vencida pela vaga de sono caiu pesadamente na estrada e o automóvel que os seguia, à mesma velocidade, apanhou-a, atropelando-a. Não pudera evitar o desastre.

Como doido, Marcial travou rapidamente a moto, caindo também no solo; mas não sofreu qualquer ferimento grave.

O médico de Evolène, que a examinou, esboçou um gesto de impotência diante do corpo muito contuso de Luciana, que fez transportar para sua casa, enquanto um automobilista complacente se encarregava de conduzir Marcial à enfermaria de Sion.

Cinco anos depois, Marcial encontrou-se no vale d'Hérens onde não quisera voltar, depois do desastre. Mas, nesse momento, sentia-se bastante forte para rever o lugar onde Luciana expirara tão trágicamente.

Ao fim da tarde, ele desceu até o vale, a alma refrescada e as mãos cheias de rododendros, orquídeas e anémonas. Atravessou a aldeia de Forclaz e embrenhou-se na vereda que serpenteia até às Haudéres, deliciando os seus olhares nas pradarias perfumadas, as vertentes de Veisivi e a brancura dos cumes próximos.

Rolaram algumas pedras, na orla do bosque surgiu um homem. Com cabelos grisalhos de toda a sua pessoa se desprendia um ar de bondade e de força.

«Onde vi já eu esta cara? — pensou Marcial intrigado. E súbitamente fez-se luz no seu espírito. Era o doutor que examinara Luciana, a levára para sua casa, e recolhera o seu último suspiro.

Aproximou-se dele: — «Desculpe-me, doutor, de interromper o seu caminho... Se não estou enganado, foi o senhor que ordenou a minha transferência para o hospital de Sion!».

O médico fitou-o. — Quando desse terrível acidente de motocicleta, há cinco anos, que

levou para sua casa uma rapariga moribunda... Luciana!

O doutor lembrou-se. Examinou Marcial, notou as largas olheiras algumas rugas no rosto e ao canto dos lábios. Fiel à sua profissão, diagnosticou para si: «Este homem consume-se... É o remorso, a saudade ou penas mórbidas... Poderei ajudá-lo?!» — E propôs:

— Sente-se neste cabeço! Estendendo a mão para o fundo do vale, onde se ergue o glaciar de Ferpêcle, acrescentou:

— Que região!

Marcial aqueceu com um movimento de cabeça:

— Encantadora- Nunca mais voltei aqui.

— Desde, que aconteceu a desgraça? Compreendo... Mas o senhor devia dominar esse receio. É preciso viver, apesar de tudo e não restringir o nosso horizonte...

— Oh! Para mim o horizonte é limitado por uma única recordação. O doutor encontrara as palavras que deviam fazer abrir esse coração oprimido. Pouco a pouco, Marcial, tocado pela quente simpatia que lhe prodigalizava o seu companheiro, confessou o que nunca dissera a ninguém:

— Doutor! Imagine a minha comoção... Alguns instantes antes do desastre, ela inclinou-se para mim, disse-me: Marcial! Tenho-te amor! Calcule, doutor... E eu que a julgava inclinada para outro! Como a gente se engana! Por esse motivo, devo ficar fiel à sua memória... para sempre...

— O senhor amava-a? — É melhor dizer: agradava-me. Depois, eu queria arrancá-la a um tipo que não era digno dela, género sedutor e oportunista como um...

«Em suma, um capricho — pensou o doutor — um capricho que não merece a imolação de uma vida, sobretudo quando...». — Diante dos seus olhos passou a cena dos últimos momentos de Luciana: um espasmo, alguns estertores, depois uma voz longínqua que articulou, a custo: «Marcial!... este torpor»...

A evidência saltava aos seus olhos. Marcial entendera mal as suas palavras e vivia de uma recordação, de uma quimera. Tudo isso valia a renúncia às alegrias terrestres, ao amor, ao lar, aos filhos? O espírito, ao mesmo tempo idealista e realizador do médico insurgia-se. Pesando os prós e os contras, concluiu por uma negativa: o sacrifício desse rapaz era inútil, não se apoiava em nada verdadeiro.

Entre ele e Luciana não existia um entendimento profundo, nem passado indissolúvel, nem uma esperança comum. Portanto, impunha-se uma «operação».

— Lamento não o ter visto depois da morte dessa rapariga, e lhe ter podido contar o seu fim.

— Levaram-me numa ambulância, completamente desmaiado. Depois,



A. Ribeiro

quando soube do que se passara, não me senti com forças de voltar aqui... Foi essa a minha falta!... Ela deixou alguma carta para mim?

— Não — respondeu o médico, um pouco embaraçado. — Ela murmurou sempre as mesmas palavras Quer que as repita?

— Naturalmente.

— Pois bem: até ao seu último momento ela murmurou sempre as mesmas palavras: «Marcial! Eu tenho... Eu sinto... um torpor!». Como julgou o senhor que ela dissera outras palavras? Talvez o ruído confuso...

Seguiu-se um profundo silêncio. As palavras reveladoras martelavam o cérebro de Marcial. Súbitamente, ele levantou-se e fitando o médico, disse-lhe:

— Como pode o senhor?... Mas para que me contou isso? Isso é indigno! A minha vida já não tem sentido.

Fez menção de partir. O clínico, porém, pôs-lhe a mão sobre o ombro, paternalmente:

— Perdoe-me... Mas eu sou um cirurgião e sempre que vejo um... abcesso, aplico uma lancetada eficaz. A sua vida perdeu o sentido? Ora vamos Pelo contrário. Ela encontrará toda a sua significação e

o tempo. Nós dois guardaremos a recordação da pobre Luciana... Mas o senhor oriente os seus pensamentos para o futuro... e nele encontrará a cura. Até breve!

Marcial encolheu os ombros. Aparentaram-se as mãos e cada um retomou o seu caminho, em sentido oposto.

Um ano depois, quando saía do seu chalet, o doutor viu caminhar na sua direcção um jovem casal. Reconhecendo o homem, foi ao seu encontro. Era Marcial que, radiante, lhe apresentou a sua companheira, dizendo depois:

— Casámos ontem e o meu primeiro pensamento foi vir agradecer-lhe por me ter... salvo dessa...

— Não vale a pena, meu amigo! O que lá vai, lá vai! Eu não fiz senão o meu dever e quando uma operação resulta, o êxito é a minha melhor recompensa. — E envolveu com um olhar atencioso a jovem esposa, cuja fisionomia iluminada de alegria se voltava para seu marido. Depois, o clínico pensou: — «Ou eu me engano muito ou esta adora-o, na verdade. Enfim, é uma quimera a menos, mas uma felicidade a mais!...».

BOM HUMOR...



Um cozinheiro... como há muitos!...

CLAIRE BLOOM

★ Continuado da página 2 ★

miniatura, atapetada de branco e ouro, com uma chaminé de gás sobre a qual se vê um curioso cão de porcelana. Claire mora ali com a mamã e tem muitos livros — quase todos sobre teatro.

Ignora mais do que despresa os profanos e pude convencer-me disso quando, ao tirar da algibeira um semanário americano conhecido pelos seus inquéritos conscienciosos, lhe mostrei um grande artigo consagrado a ela.

— Não desejaria bombardeá-la com perguntas ociosas — disse eu — e considerar-me-ia satisfeito se quisesse confirmar-me o que é verdadeiro a seu respeito.

Estendi-lhe a revista. Ela leu o artigo, riu e abanou a cabeça:

— É falso — exclamou — pergunte-me de onde saem estas invenções. É que nunca obtive prémio na «Kensington Dramatic School». E mais isto, olhe, leia: tos rasos... É idiota! Olhe para eu uso vestidos de rapariga e sal-

mim: sou muito baixa para usar saltos rasos! Diz-se aqui que eu corro os armazens de modas, e faço o desespero das empregadas não comprando coisa alguma... A mamã seria bem feliz se isto fosse exacto!

A melhor Julieta...

— Muito exagerada, também, esta história com Peter Brook — continuou Claire. — Compreendo bem que os jornais precisam de anedotas muito coloridas...

De facto, Brook declarou um dia, em público, que o papel de Julieta em «Romeu e Julieta» deveria ser desempenhado por uma actriz de 14 anos Claire chamou-o ao telefone e dissera-lhe: «Tenho catorze anos».

Mas não há aqui o rasgo de audácia que se julga. Já nessa época Peter Brook era um dos íntimos da rapariguita. Há, ainda, a descoberta de Claire por

MONROE

CONFESSA QUE NÃO SABE REPRESENTAR

MARILYN Monroe, a vedeta de «Niagara» e que se tornou, pela fascinação do seu «glamour», a mais discutida personalidade artística de Hollywood, continua a fazer gastar rios de tinta e a ser um manancial de surpresas...

Embora as aparências revelem o contrário, Marilyn considera-se uma artista modesta. A Marilyn Monroe sua sinceridade leva-a a dizer a todos estar convencida de que não sabe representar e que jamais o saberá.

Durante as filmagens, Marilyn nunca dispensa a presença de Natacha Lytess, uma professora de dicção e de arte dramática, na qual deposita a máxima confiança. Antes da rotação de cada cena, submete à apreciação de Natacha, num canto do estúdio a maneira de exprimir as frases do diálogo referente ao seu papel. A professora corrige-a quando é preciso. Terminada a filmagem da cena Marilyn volta, ansiosa para junto dela, a fim de conhecer a sua opinião. Se a professora lhe confessar não ter ficado satisfeita, a vedeta insiste em que a cena seja refilmada, sem consultar a opinião do realizador.



Charlie Chaplin. Pretendeu-se que o irmão de Chaplin tinha em vão, passado pelo crivo Londres e Paris, na esperança de descobrir uma vedeta para «Limelight». Só teria encontrado Claire e tê-la-ia roubado à cena londrina na véspera do seu regresso aos Estados Unidos. Não foi assim; o autor dramático Arthur Laurents viu Claire representar em «Ring round the moon» e chamou para ela a atenção de Chaplin. As fotografias da rapariga impressionaram o célebre autor-actor. Chamou Claire a Nova York para experiência.

— Repare no que escreveram! Os ensaios não teriam sido satisfatórios... Eu teria voltado para Londres desfeita, em lágrimas e a boa notícia do meu contrato foi surpreender-me ao fim de quatro meses. É tão estúpido!

Claire encolhe os ombros e declara formalmente:

— Fui a única a quem Chaplin fez filmar um ensaio. E, então, ele não tinha ainda uma ideia exacta do seu filme. Ter-me-ia confiado o papel principal se as experiências tivessem então sido más?

Este papel deu glória mundial a Claire Bloom. Mas algumas horas antes ela obteve o maior êxito que podia vir-lhe do teatro. Antes de «Limelight» ir a conquista do Mundo, Claire desempenhou o papel de Julieta no palco do «Old Vic». Os críticos mais exigentes de Londres concederam-lhe o título de melhor intérprete de Julieta nos tempos presentes. Durante semanas, o teatro teve as lotações esgotadas. Claire tinha 21 anos.



Aqui **a minha pele não era lisa...**

... mas agora esta pura e macia! A menina Maria Helena F. S., de Lisboa, é uma senhora, entre milhares de outras, que emprega regularmente os Cremes Tokalon e que reconhece com entusiasmo a sua eficácia.

Estes cremes Tokalon embelezam a pele porque activam a sua normal renovação.

O Creme Tokalon não só trata da pele, como também a torna mais bela. As impurezas e as pequenas rugas desaparecem, a tez torna-se clara, pura e fresca.

Você também pode embelezar a sua pele!

Eis a receita: é muito simples. Durante a noite, aplique o Creme Tokalon *rosa* que alimenta a pele e lhe dá, graças ao Biocel que contém, toda a sua natural elasticidade. De dia, aplique o Creme Tokalon *branco* que tornará a sua pele resplandecente, constituindo igualmente uma excelente base para o pó de arroz. Milhares de mulheres em todo o Mundo, tornaram-se mais belas, mais atraentes, obtendo todos os sucessos, graças ao Creme Tokalon. Siga o seu exemplo!



Tokalon *trata e embeleza
a sua pele!*

Enfim! UM NOVO E MARAVILHOSO
MÉTODO DE APRENDER
COM CORREÇÃO

O INGLÊS

Mais Fácil e Rapidamente - Em sua Casa

**PARA UM SALÁRIO MAIOR
... UMA POSIÇÃO MELHOR!**

Existe AGORA uma nova e fascinante maneira de aprender a falar o Inglês: o método exclusivo AUDIO-VISUAL da H.S.L., que trará para milhares de pessoas ambiciosas maiores oportunidades sociais e maiores negócios.

Escutará agora, por meio de lições gravadas em discos fabricados com o novo material inquebrável, as vozes dos seus professores com um perfeito sotaque e dicção. Ao mesmo tempo VERÁ as palavras impressas em suas Lições quando as mesmas são pronunciadas. Terá assim duas impressões duradouras-através do ouvido e da vista. Aprende o Inglês exatamente como aprenderia uma criança, ou como aprendeu a falar o Português em criança.

Em tempo impressionantemente curto poderá pronunciar palavras, formar frases e sentenças inteiras em Inglês correto, não duma maneira enfática, mas MODERNA, incluindo as expressões populares e ouvidas onde a língua Inglesa é hoje falada. A sua família inteira pode aprender desta maneira nova e interessante. O seu professor estará sempre ao seu lado, e as lições e gravações estarão sempre a mão para o ajudar.

Envie imediatamente o cupom para receber o nosso LIVRO GRÁTIS que explicará melhor o exclusivo método Audio-Visual da H.S.L. e como receber o nosso presente de introdução.

Livro GRÁTIS

Novo e Exclusivo Método
AUDIO-VISUAL
Ouvindo — Vendo
44 LIÇÕES EM DISCOS FONOGRAFICOS
35 LIÇÕES ESCRITAS
Profusamente Ilustradas
SERVIÇO DE CONSULTA PESSOAL

HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES
Hollywood 28, California, U.S.A.

C. H. MANSFIELD, Pres., Dept.
HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES
7078 Hollywood Boulevard, Hollywood 28, Calif., U. S. A.

Queira me enviar o seu livro GRÁTIS "Novos Horizontes de Oportunidades" que explica o seu método Audio-Visual de como aprender a Inglês correto, em casa.

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____ PAÍS _____

